

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis: Vozes, 1995.

*Camila Lima Coimbra\**

O livro “Currículo: teoria e história”, escrito pelo professor Ivor F. Goodson, constitui uma coletânea de artigos e ensaios cujo tema central retrata a importância da história do currículo para o estudo da escolarização.

A apresentação realizada por Tomaz Tadeu da Silva explica a seleção das produções do autor editadas nesta coletânea, com a preocupação de não sobrecarregar a leitura com detalhes específicos da situação inglesa, transformando o livro em um material de grande valia para os educadores brasileiros. Ainda na apresentação, Tomaz Tadeu contribui com a descrição da história do Currículo na Inglaterra a partir de Michael Yong, na primeira fase da Nova Sociologia, percorrendo discussões latentes acerca do conteúdo tematizado no livro.

Considera que

*“uma história do currículo tem que ser uma história social do currículo, centrada numa epistemologia social do conhecimento escolar, preocupada com determinantes sociais e políticos do conhecimento educacionalmente organizado.” ( p.10)*

É nessa perspectiva que se enquadra o livro de Goodson, tentando demonstrar que o currículo educacional que existe hoje é fruto de uma construção histórica em que estiveram presentes conflitos sociais, rupturas e ambigüidades.

O capítulo 1 define currículo entendendo-o como fundamental para o estudo da escolarização e ainda concentra-se na definição de currículo pré-ativo, pois, segundo o autor, tal confecção de currículo irá aumentar o nosso entendimento dos interesses e influências atuantes nesse nível, além de estabelecer parâmetros para a ação e negociação interativa no ambiente da sala de aula e da própria escola.

---

\* Mestranda em Educação Brasileira na Universidade Federal de Uberlândia e professora da UFG - Campus Avançado de Catalão.

Norteador por esse mapeamento inicial, o autor recupera alguns exemplos empíricos para demonstrar que o currículo pré-ativo deve ser encarado como uma construção histórica e social, pois, se concebido de outra forma, torna-se a invenção de uma tradição, ou seja, algo pronto e acabado, fácil de reprodução e mistificação tanto na forma quanto no conteúdo.

No segundo capítulo, o autor realiza uma retrospectiva histórica na perspectiva de compreensão da origem e significado de currículo no que se refere a sua etimologia e epistemologia.

*“...O conceito de currículo como seqüência estruturada ou disciplina provém, em grande parte, da ascendência política do Calvinismo. Ou seja, desde esses primórdios, houve uma relação homóloga entre currículo e disciplina, aliando o currículo a uma nova ordem social, onde alguns recebiam uma escolarização avançada e outros um currículo mais conservador.” (p.43)*

Em contrapartida, Goodson aponta como alternativa o interesse dos educadores em estabelecer uma prática e um currículo igualitários, com a necessidade do diálogo, defendendo a reconstrução do conhecimento e do currículo.

Na primeira parte do capítulo 3, discute a relação entre currículo e a teoria curricular, entendendo que ambas são interligadas, porém o elo raramente é perfeito, já que as teorias historicamente comprovadas são muito distantes da realidade ( alienadas ).

Dessa forma, apresenta duas perspectivas, uma evidenciada nas décadas de 1960 e 1970, quando a ideologia tecnocrática presente na escolarização americana influenciou a teoria prescritiva do currículo. A outra, explicitada na oposição de educadores que defendiam uma visão de educação preferencialmente libertadora e estimuladora. Ou seja,

*“Queriam, acima de tudo, mergulhar na ação, e não na teoria.” (p.49)*

Para Goodson, as duas tendências, uma que privilegia a teoria e a outra que privilegia a prática, conduzem a uma visão simplista e a-histórica do processo.

*“Tanto os teóricos prescritivos quanto os de tendência ativa ignoraram o que é, pois estavam em busca do que pode ser...” (p.51)*

Nessa perspectiva, o autor cita exemplos históricos do apoio da teoria curricular como prescrição e da reação à teoria da alienação, concluindo ser necessária uma teoria de contexto que justifique a ação, uma teoria sobre como atuam, reagem e interagem as pessoas envolvidas na contínua produção e reprodução de currículo.

O capítulo 4 enfatiza, inicialmente, o quanto o estudo sobre currículo vem sendo, segundo o autor,

*“multifacetado, construído, negociado, renegociado em vários níveis e campos.” ( p.67)*

Tentando modificar tal situação/realidade, Goodson sintetiza a necessidade de compreensão do currículo não como prescrição, mas sim como construção social. Dessa forma, define o currículo como prescrição explicitando as relações de poder evidentes através da história do currículo.

Nesse sentido, considera que os governos centrais, as burocracias educacionais e as comunidades universitárias é que controlam tal currículo, exemplificando, através da relação escola/ universidade, o saber público e o saber universitário.

Após apontar os entraves existentes na história do currículo, o autor apresenta a solução na perspectiva construcionista social do currículo.

*“Uma fase culminante no desenvolvimento de uma perspectiva social construcionista seria desenvolver estudos que integrassem, neles próprios, estudos sobre construção social, tanto em nível pré-ativo como no nível interativo.” (p.79)*

O que se exige é uma abordagem combinada, um enfoque sobre a construção de currículos prescritivos e política, combinada com uma análise das negociações e realização desse currículo prescrito, voltado para a relação essencialmente dialética dos dois.

É nesse capítulo que o autor define melhor a sua posição como um programa para a história do currículo, apontando caminhos para a modificação e reestruturação. Para tanto, considera que na pesquisa curricular existe uma série de enfoques acessíveis ao estudo construcionista social: enfoque individual,

enfoque de grupo ou coletivo e enfoque relacional, que deve entender a necessidade de associação entre currículo pré-ativo e interativo. Concluindo, afirma que

*“precisamos buscar e desenvolver enfoques integradores para o estudo construcionista social”. (p.79)*

O capítulo 5 se inicia com uma pergunta: já que o currículo é confessadamente uma construção social, por que em alguns estudos sobre a escolarização esse construir social é um dado atemporal?

Tentando responder, o autor busca a discussão da teoria do currículo escolar numa perspectiva construcionista social, embasada nos conceitos de mentalidades (Escola de Anais de Historiadores) para exemplificar as dicotomias, conexões e complexidades incorporadas à forma curricular.

Demonstra, através de quadros, a forma como se estruturou o currículo na Grã-Bretanha, levando em consideração as “aptidões sociais” dos alunos.

*“No período histórico aqui considerado, pode ser nitidamente percebido o deliberado estruturar-se de uma escolarização estatal em que a cabeça tenha a preferência sobre as mãos. A forma acadêmica do currículo era sistematicamente favorecida pela máquina de recursos e finanças. Por isso, um modelo que priorizava certos grupos sociais era substituído por um processo aparentemente neutro que priorizava determinadas formas de currículo. Todavia, embora tenha mudado o nome, o jogo era quase o mesmo. Entretanto, a internalização da diferença camuflou efetivamente esse processo social de preferências e privilégios.” (p.98)*

Com uma descrição pessoal do autor sobre a experiência escolar na Grã-Bretanha, Goodson inicia o sexto capítulo, explicitando sua origem camponesa operária e perguntas que fazia desde pequeno já desmascarando as diferenças sociais existentes. “Por que tínhamos que caminhar a pé mais de três milhas até a escola? Por que papai trabalhava tanto?”

O autor relata a sua escolarização, inclusive a sua passagem para a escola secundária, “grammar school” (exceção, já que advinha da classe popular), onde sempre questionou o currículo institucionalizado (prescritivo).

Tendo em vista sua experiência pessoal, Goodson revela a necessidade do estudo das origens da escolarização e análise para o surgimento das matérias escolares, desenvolvendo, assim, um programa de estudo que leve em consideração o currículo como conflito social.

Dessa maneira, demonstra através de exemplos empíricos como a história do currículo da música e de ciências comprovou ora o privilégio do currículo pré-ativo, ora do currículo ativo. Assim, Goodson define o currículo escrito e o currículo ativo, exemplificando o perigo em privilegiar apenas um dos dois em qualquer análise que se queira realizar.

Finaliza dizendo:

*“A batalha para definir um currículo envolve prioridades sociopolíticas e discurso de ordem intelectual. A história dos conflitos do passado em relação ao currículo precisa, portanto, ser recuperada. Caso contrário, os nossos estudos sobre escolarização deixarão sem questionamento e sem análise um série de prioridades e hipóteses que foram herdadas e deveriam estar no centro do nosso esforço para entender teoricamente e operacionalizar na prática a escolarização.” p.113)*

No capítulo 7, o autor demonstra o gradativo aumento de interesse pelos estudos sobre a história do currículo, principalmente na escola secundária, nos EUA, Grã-Bretanha e Austrália.

Goodson considera salutar tal interesse, por acreditar que a história do currículo procura explicar como as matérias escolares, métodos e cursos de estudo constituíram um mecanismo para designar e diferenciar estudantes. Ou seja,

*“(...) oferece pistas para analisar as relações complexas entre escola e sociedade”. (p.118)*

Para exemplificar tal posicionamento faz uma análise comparativa entre a história da psiquiatria do hospício no século XIX e a história da biologia como matéria escolar. Nessas duas situações procura evidenciar as relações de poder, os conflitos, o que foi o processo de um resultado curricular tanto para o curso de Psiquiatria quanto para o curso de Biologia.

O ponto chave do autor nesse capítulo é a demonstração empírica de realidades históricas no sentido de comprovar a necessidade de incorporação

do currículo como objeto de estudo da História da Educação.

A linguagem utilizada por Goodson valoriza o livro, fazendo da leitura um ato prazeroso. Acredito que esse livro, apesar de tão voltado para a realidade inglesa, torna-se um instrumento fundamental para a compreensão da dimensão histórica e social do currículo escolar.

Os exemplos históricos citados pelo autor no decorrer do livro tornam a compreensão mais eficaz, além de facilitarem a relação com a história da educação brasileira, no sentido de se compreender as várias facetas no que se refere à teoria e à história do currículo.